

# BOOK REVIEWS

**Os elementos urbanos**, de *Carlos Dias Coelho* (coordenação), *João Pedro Costa*, *João Silva Leite*, *José Miguel Silva*, *Luísa Trindade*, *Paulo Pereira*, *Sérgio Barreiros Proença*, *Sérgio Padrão Fernandes* e *Xavier Monteys*, Argumentum, Lisboa, Portugal, 2013, 205 pp. ISBN 978-972-8479-78-7.

‘Os Elementos Urbanos’ constitui o primeiro número de uma série de quatro volumes da coleção ‘Cadernos de Morfologia Urbana - Estudos da Cidade Portuguesa’, que resulta do trabalho realizado pelo grupo de investigação *FormaUrbis Lab*, no âmbito do Centro de Investigação de Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD) da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FAUL). Os restantes números desta coleção cujas edições se aguardam para breve incluirão os seguintes títulos: O Tempo e a Forma; Outras Abordagens; e Conceitos e Metodologias.

‘Os Elementos Urbanos’ constitui uma notável publicação que resulta do trabalho de reflexão sobre a forma da cidade, realizada pelos membros do grupo *Forma Urbis Lab*, com a coordenação de Carlos Dias Coelho. São co-autores desta obra João Pedro Costa, João Silva Leite, José Miguel Silva, Sérgio Barreiros Proença, Sérgio Padrão Fernandes, membros do grupo de investigação *FormaUrbis Lab*, mas também Paulo Pereira da FAUL e Xavier Monteys da Universidade Politécnica da Catalunya, ambos consultores do grupo de investigação, bem como Luísa Trindade, da Universidade de Coimbra.

A divulgação da investigação produzida pelo grupo *FormaUrbis Lab* tem sido disponibilizada através do *website* do grupo <http://formaurbislab.fau.utl.pt/home>. O interesse dos membros do grupo pelo estudo da forma da cidade portuguesa revê-se nomeadamente através de publicações anteriores dedicadas, por

exemplo, à temática da inventariação de elementos específicos da forma urbana, designadamente ‘a praça’ (Coelho, 2007; Coelho e Lamas, 2005).

A maior parte dos conteúdos deste livro resultam de material recolhido de Projetos de Investigação, realizados por este grupo, nomeadamente o Projeto ‘Atlas Morfológico’, mas também da contribuição de vários projetos de investigação individuais, articulados com o projeto anterior. Neste sentido destacam-se os contributos de várias teses de doutoramento, realizadas por alguns dos investigadores deste grupo de investigação e co-autores do livro.

Grande parte dos investigadores deste grupo é também docente na Faculdade de Arquitetura da UL. A investigação produzida por este grupo beneficia certamente da oportunidade de articular o ensino com a investigação, promovendo-se desta forma um enriquecimento dos conteúdos pedagógicos, no âmbito do ensino da Arquitetura e do Urbanismo, através do processo metodológico levado a cabo por este grupo e dos seus respetivos resultados científicos.

‘Os Elementos Urbanos’ constituem uma excelente oportunidade, para que um público mais alargado, para além dos estudantes de arquitetura da FAUL, venha a conhecer a excelência do trabalho de investigação realizado pelo grupo *FormaUrbis Lab*. Excelência esta, que nos tem sido já dada a conhecer através de diversas comunicações, de diferentes elementos do grupo, em diversos encontros científicos nacionais e internacionais.

Resumidamente, destacam-se neste livro dois aspetos fundamentais. Primeiro, a qualidade gráfica e visual que tem acompanhado desde sempre o trabalho produzido por esta equipa de investigadores, bem como a consistência desse mesmo material gráfico. Segundo, a coerência dos vários temas abordados pelos diferentes membros do grupo, no que concerne ao estudo da forma urbana, evidenciando o sucesso da

coordenação do trabalho realizado por este grupo mas também numa apreciável unidade de grupo, face aos objetivos a cumprir nas diferentes investigações em curso. Estes dois fatores permitem a identificação de uma identidade, neste grupo de investigação, que se destaca pelo esforço de construir ferramentas de leitura da cidade apoiadas numa metodologia, cujo objetivo é o de analisar exaustivamente os diferentes elementos que compõem a forma urbana no seu todo, através de um exercício de decomposição. E assim, procurando responder a um objetivo comum – o estudo da cidade portuguesa.

Foi precisamente apoiando-se neste exercício de decomposição dos diferentes elementos que constituem a forma urbana, que os autores deste livro estabeleceram a sua estrutura. Encontramos assim neste livro, ‘Os Elementos Urbanos’, nove capítulos que testemunham, segundo os seus autores, a decomposição do tecido urbano através dos seus vários elementos urbanos. Designadamente: i) o Tecido; ii) o Traçado; iii) a Malha; iv) a Praça; v) a Rua; vi) o Quarteirão; vii) a Parcela; viii) o Edifício Singular; e ix) o Edifício Comum.

O livro inclui ainda um conjunto considerável de imagens a ilustrar os seus vários capítulos. Estas imagens testemunham a excelência da qualidade gráfica que identifica este grupo e que certamente contribui enquanto importante ferramenta de divulgação do trabalho junto do seu público-alvo, o estudante de arquitetura, mas também do leitor com interesse pelo estudo da forma da cidade. Salienta-se o uso da planta, como imagem primordial para a representação gráfica da forma urbana por este trabalho e que é notória ao longo dos seus vários capítulos, com pequenas exceções. Estas incluem o uso da fotografia bem como perfis.

Finalmente, a apresentação sumária da metodologia, que os autores procuram enunciar, poderia ter encontrado neste livro um capítulo específico para sua sistematização, nomeadamente num capítulo conclusivo. Assim ‘Os Elementos Urbanos’ teriam certamente contribuído para que o seu público-alvo, mais facilmente identificasse essa mesma metodologia e a pudesse utilizar como guia para futuras aplicações.

Destaca-se contudo a oportunidade de calendário da publicação deste livro, pois coincide com um momento rico em debates acerca do ensino da morfologia urbana, e que tem conquistado espaço e atualização (Marat-Mendes e Cabrita, 2012; Oliveira, 2014) no âmbito da Rede Portuguesa de Morfologia Urbana e do próprio *International Seminar on Urban Form* (ISUF).

## Referências

- Coelho, C. D. e Lamas, J. (coord.) (2005) *A Praça em Portugal - Açores, Inventário do Espaço Público* (FAUTL e DROTRH, Ponta Delgada).
- Coelho, C. D. (coord.) (2007) *A Praça em Portugal, Inventário de Espaço Público - Continente* (DGOTDU, Lisboa).
- Oliveira, V. (2014) ‘Manuals for urban morphological education’, *Urban Morphology* 18, 77-8.
- Marat-Mendes, T. e Cabrita, M. A. (2012) ‘Morfologia urbana em Portugal: percurso e visibilidade’, in Sampayo, M., André, P. e Marat-Mendes (eds.) *Morfologia urbana nos países lusófonos* (ISCTE-IUL, Lisboa) 1750-81.

*Teresa Marat-Mendes, Instituto Universitário de Lisboa ISCTE-IUL, DINÂMIA’CET-IUL, Departamento de Arquitectura e Urbanismo, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa, Portugal. Email: teresa.marat-mendes@iscte.pt*

**10 mandamentos da arquitetura**, de Frederico de Holanda, FRBH, Brasília, Brasil, 2013, 344 pp. ISBN 978-85-64222-06-9.

Frederico de Holanda é um dos maiores comunicadores do nosso tempo na área da morfologia urbana. Antevi-o quando assisti pela primeira vez a uma das suas apresentações em Estocolmo, em 2009. Confirmei-o nas comunicações a que assisti nos três anos seguintes – no Porto, em Montreal e em Lisboa – e ainda na leitura dos seus livros. ‘10 mandamentos da arquitetura’ comprova esta capacidade. É um livro notável, escrito numa linguagem simples e apelativa, que certamente alcançará um público alargado, indo muito para além dos círculos académicos e profissionais.

O formato do livro retoma uma ideia de Hanson (1988), na altura centrada exclusivamente na escrita de textos académicos, estruturando-se num conjunto de dez ‘mandamentos’ ou orientações. Em termos de organização dos conteúdos, o texto constrói-se a partir de uma experiência de Holanda como Professor Visitante em Santiago de Querétaro, México, em 2005. Alguns dos textos são inéditos (na totalidade ou em parte), outros revisitam temas abordados em anteriores apresentações,

artigos e livros (particularmente em Holanda, 2010, 2011). Como nos trabalhos precedentes de Holanda, o leitor reencontrará aqui a cidade de Brasília, os arquitetos Lucio Costa e Oscar Niemeyer, bem como, a Teoria da Sintaxe Espacial. Ficaré também a conhecer outras influências de Holanda, nomeadamente Evaldo Coutinho e Carlos Nelson dos Santos.

O livro estrutura-se em dez capítulos, cada um deles correspondendo a um ‘mandamento’, abordando os seguintes temas: i) o alargamento do conceito de arquitetura à cidade e ao território (clarificando logo à partida qualquer mal-entendido que o título da obra pudesse sugerir); ii) as causas, ou ‘aquilo’ que está por detrás da arquitetura (definindo ainda os elementos arquitetónicos fundamentais – cheios, vazios e relações cheios-vazios); iii) os efeitos que a arquitetura provoca (abarcando aspetos funcionais, económicos, sociológicos, topocéticos, afetivos, simbólicos e estéticos); iv) as possibilidades e as restrições da arquitetura, bem como o modo como esta interfere na vida das pessoas; v) o modo como a arquitetura reflete (e pode contribuir para fomentar) igualdades e desigualdades sociais; vi) dois tipos de implicações da arquitetura, as implicações sintáticas, relacionadas com a configuração, e as implicações semânticas, ligadas a aspetos convencionais, circunstanciais e históricos; vii) o equilíbrio entre ordem e desordem, relacionando a última, ora com uma dimensão de inovação, ora com uma dimensão de regressão; viii) a utilização da história em arquitetura, apelando a um conhecimento crítico que seja capaz de abarcar longos períodos temporais; ix) o contributo de cada edifício para a qualificação do espaço público, distinguindo entre edifícios ‘com rosto’ e ‘edifícios com costas’ ou ‘edifícios com ombros’; e, por fim, x) as teorias do conhecimento e a valorização de um conhecimento objetivo informado pela evidência.

De entre os temas abordados ao longo do livro gostaria de retomar três: o alargamento do conceito de arquitetura; a relação entre arquitetura e comportamentos; e, por fim, o enfoque no espaço e não na forma. No prefácio do livro, Ruth Verde Zein refere que ‘(...) cada vez menos a arquitetura é socialmente considerada como uma das mais importantes facetas da vida e da criatividade humanas’. Uma das razões fundamentais para este fenómeno será porventura o enfoque cada vez mais reduzido que o arquiteto adota, concentrando todo o seu esforço técnico e criativo no desenho do edifício isolado. A modernidade iniciou este processo e a pós-modernidade continuou a alimentá-lo. Daí a importância fundamental do primeiro ‘mandamento’ deste livro: alargar o conceito de

arquitetura à cidade (às ruas e às praças) e ao território (ao território artificial e à paisagem natural), incluindo não apenas os objetos excepcionais, mas também a ‘arquitetura sem arquitetos’ (Rodofsky, 1964), produzida por um saber implícito, ainda que sem uma aparente ‘intenção’ estética.

Como Holanda nos lembra, o modo como tem sido abordada a relação entre arquitetura e comportamentos – o determinismo arquitetónico – enquadra-se normalmente em dois extremos opostos. Por um lado, os que acham que a arquitetura determina a sociedade, porventura seguindo o apelo modernista. Por outro lado, aqueles que defendem que a arquitetura é vazia de conteúdos sociais e que as opções da arquitetura não têm qualquer efeito sobre a vida diária das pessoas. O autor apela a uma abordagem mais informada desta questão, alertando para o facto de a arquitetura refletir igualdades e desigualdades sociais, contradições e conflitos. Para ilustrar isto mesmo recorre a três exemplos esclarecedores na cidade de Brasília – o comércio informal na Esplanada dos Ministérios, os vendedores ambulantes na Plataforma Rodoviária e a feira da Torre da TV – e ainda ao caso de uma área residencial em Islington, Londres, estudada por Hillier (1996). Holanda alerta ainda para o facto de a arquitetura ser um campo de possibilidades mas também um campo de restrições. Trata-se, no fundo, de tornar o arquiteto consciente de que as suas ações podem contribuir para o estabelecimento de uma cidade mais justa e de uma sociedade mais democrática – ou o contrário.

Por fim, ‘10 mandamentos da arquitetura’ coloca-nos um desafio fascinante: mudar o nosso enfoque da forma para o espaço. A ideia não é nova (desde o final dos anos 70 que Hillier, Hanson e tantos outros aderentes da Teoria da Sintaxe Espacial, a têm vindo a desenvolver) e é aparentemente simples, mas na realidade representa uma mudança de paradigma no modo como vemos e construímos os nossos edifícios e as nossas cidades. O desafio consiste assim em privilegiar os vazios, os ‘elementos-fim’ que são realmente estruturantes nas nossas cidades e nos nossos edifícios, ao invés dos cheios, os ‘elementos-meio’, que dependem de convenções e ideologias (no sentido mais estrito do termo) de uma determinada sociedade e de um dado tempo e que, como tal, sofrem constantes alterações. Aceitar este novo paradigma significa aceitar a importância fundamental da rua (dos espaços exteriores de circulação) e da praça (dos espaços exteriores de permanência) nas nossas cidades; significa voltar a conformá-los com fachadas frontais (com rosto) e não com fachadas laterais (ombros) ou fachadas de fundo (costas); significa

ainda questionar, com base num conhecimento profundo da história, o modo como as ‘arquiteturas contemporâneas’ elegem como seu objetivo último o desenho do edifício isolado e o desenvolvimento de uma linguagem dos ‘elementos-meio’.

### Referências

Hanson, J. (1988) ‘The ten commandments (for writing academic papers)’ (<http://eden.dei.uc.pt/~jcardoso/ForStudents/WritingPaper.pdf>) consultado em 20 de Janeiro de 2014.

Hillier, B. (1996) *Space is the machine*

(Cambridge University Press, Cambridge).

Holanda, F. de (2010) *Brasília – cidade moderna, cidade eterna* (FAU UnB, Brasília).

Holanda, F. de (2011) *O espaço de exceção* (FRBH, Brasília).

Rudofsky, B. (1964) *Architecture without architects. A short introduction to non-pedigreed architecture* (Museum of Modern Art, Nova Iorque).

Vítor Oliveira, *CITTA – Centro de Investigação do Território, Transportes e Ambiente, Faculdade de Engenharia, Universidade do Porto, Rua Roberto Frias 4200-465, Porto, Portugal. Email: vitorm@fe.up.pt*

## PNUM2015: Configuração urbana e os desafios da urbanidade

A 4ª Conferência Anual da Rede Portuguesa de Morfologia Urbana (PNUM) realizar-se-á em Brasília, Brasil, a 25 e 26 de Junho de 2015.

O título da conferência é ‘Configuração urbana e os desafios da urbanidade’ e os temas em debate são os seguintes: i) transformações urbanas recentes – novos impactos, novos desafios; ii) desigualdade socioespacial das cidades; iii) configuração urbana e património cultural; iv) o legado da cidade moderna; e, por fim, v) a urbanização total: tendências para a *metápole*.

O *call for abstracts* será lançado em Outubro de 2014, sendo que os resumos deverão ser submetidos até 1 de Fevereiro de 2015. Os autores serão notificados acerca da aceitação do resumo até 6 de Abril, podendo enviar o artigo

completo (opcional) até 31 de Maio de 2015. A data limite de inscrição no PNUM2015 é o primeiro dia da conferência, 25 de Junho. O *website* do PNUM2015 contendo informações detalhadas sobre a conferência, será lançado muito em breve.

A Comissão Organizadora da conferência inclui: Gabriela Tenorio (Presidente), Frederico de Holanda, Valério Medeiros, Ana Barros, Liza Andrade, Cláudia Garcia e Mônica Gondim. A Comissão Científica do PNUM2015 inclui: Frederico de Holanda (Presidente), Décio Rigatti, Edja Trigueiro, Gabriela Tenorio, Jorge Correia, Luiz Amorim, Miguel Bandeira, Nuno Norte Pinto, Renato Saboya, Stael Pereira da Costa, Teresa Marat-Mendes, Valério Medeiros, Vinicius Netto e Vítor Oliveira.



Figura 1. Brasília (Source: Rodrigo Studart Corrêa).